



**COMUNICON2018**  
congresso **internacional**  
**comunicação e consumo**

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

## **Minha vida é meu emprego<sup>1</sup>**

**Isabel Vieira Lopes<sup>2</sup>**

**PUC-SP**

### **Resumo**

Na sociedade do auto empreendimento, somos influenciados pela mídia e pelos colegas a desenvolver um capital humano forte, capaz de alcançar o sucesso e o reconhecimento, mesmo que esse caminho não seja fácil. Mas diante de tanta ansiedade, hiperatividade, depressão e intolerância, como continuar desejando trilhar essa rota? A maioria dos trabalhadores não é ingênua, tendo consciência e se queixando frequentemente das condições extremas de pressão, jornadas intermináveis, chefes abusivos e acúmulo de funções a que são submetidos. Por que, então, não fazem nada a respeito? Por que não conseguem criar linhas de fuga? O que os impede? Essas são as questões que norteiam o presente artigo, a ser trabalhado com o auxílio de pesquisas e autores como Deleuze, Nietzsche e Espinosa.

**Palavras-chave:** Imaginário de sucesso; narrativa de vida; linha de fuga; desconstrução; barreiras

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 01, cultura empreendedora e trabalho do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

<sup>2</sup> Doutoranda em Filosofia e Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Graduada em Comunicação Social pela ESPM. E-mail: lopebel@gmail.com



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

O problema do trabalho não é o trabalho *per se*, mas sim a força da luz que dele emana, às vezes tão forte que impõe uma sombra sobre nossas próprias vidas. O trabalho pode ser entendido quase que como um relacionamento abusivo, que suga a nossa energia pouco a pouco, despercebidamente. Uma madrugada virada ali, um jantar com os amigos perdido lá, e todo um final de semana que passa quase como se não tivesse existido, por conta da preocupação de um projeto a ser entregue na próxima semana. Deixamos esses infortúnios passar, assim como perdoamos muitas vezes os abusadores que pedem desculpas e prometem melhorar. De vez em quando lamentamos com algum amigo que estamos cansados dessa sintaxe abuso-perdão-abuso-perdão, mas escolhemos seguir com o relacionamento porque o sexo é bom, amamos nosso parceiro e não nos vemos mais sem ele. Ou porque amamos o trabalho que temos, o salário é bom e não entendemos como viver diferente.

O relacionamento abusivo não precisa de violência física. Às vezes ela até inexistente. Mas é a violência psicológica que nos corrói. Entramos em um trabalho de cabeça, com a promessa de muitas boas coisas que dali sairão: horários flexíveis, um aumento, uma promoção, uma equipe divertida. Com o tempo e o aumento de responsabilidades, a cobrança interna fica mais forte, e o abusado vira o abusador. Afinal, no neoliberalismo somos gestores do nosso próprio desenvolvimento e a responsabilidade do sucesso ou do fracasso é totalmente nossa.

Tudo começa com um estresse que não passa nem com um banho quente em casa. Aí, naturalmente, vem a dor de cabeça, o cansaço, a insônia, as dores nas costas, a perda de memória, a falta de apetite, a dificuldade de concentração e, gradualmente, a perda de iniciativa. Um festival de sintomas para os quais não somos cegos: sentimos que costumávamos ser diferentes, mais confiantes, divertidos e alegres, mas não entendemos por que não estamos mais felizes com tantas coisas boas ao nosso redor.

Assim como no relacionamento abusivo, duvidamos de nós mesmos, e ao invés de colocar a culpa no abusador, culpamos a nossa incapacidade de sermos melhor para ele. Questionamos nossa própria sensibilidade (será frescura?) e frequentemente inventamos desculpas para justificar aos nossos amigos, à nossa família e a nós mesmos, o comportamento do nosso parceiro, o trabalho: “é uma startup, tem pouca gente”, “o cliente tinha pressa, era uma campanha multinacional”, “é um projeto lindo, você vai ver”. Começamos a questionar se somos bons o suficiente, em meio às dores de cabeça,



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

ao cansaço e ao desânimo, para essa função. Sabemos, como diz Zizek, que algo está errado, mas continuamos a caminhada mesmo assim, sem conseguir expressar exatamente o que nos incomoda.

Então um dia percebemos que algo está realmente errado, e decidimos agir em prol do nosso próprio corpo: pedimos um tempo do relacionamento. Na linguagem corporativa, tiramos férias. Quem sabe assim, fugindo do problema, ele não desaparece? Partimos em busca do calor da praia, do frio das montanhas ou do conforto do nosso lar. Seja para onde formos arejar nossas cabeças, ignoramos por um mês, até dois, tudo aquilo que o abusador nos fez sofrer. Porém, quando achamos que tudo está resolvido e voltamos a trabalhar, vemos em poucos dias que nada mudou. Daí cedemos, vamos ao médico e recebemos o diagnóstico: é *burnout*, esgotamento, a doença neuronal do século XXI.

Gosto de fazer o paralelo entre o excesso de trabalho e um relacionamento abusivo porque guardam diversas semelhanças psicológicas. Afinal, assim como a luz de um parceiro pode fazer sombra à nossa própria vida, também pode o trabalho, que ocupa oito, dez e até doze horas dos nossos dias, sem pedir desculpas. Digo que precisamos desconstruir as crenças de sucesso do trabalho neoliberal para que consigamos um equilíbrio maior entre nossas vidas profissionais e pessoais, e o que mais me perguntam é: “mas e se eu amo o que faço?”.

Bom, basta ver o caso de Ana (nome fictício) que trabalhou dez anos em uma multinacional, convivendo com pessoas inspiradoras, gerenciando projetos que impactam a vida de milhares de pessoas, ganhando prêmios, sendo reconhecida pelo desempenho e sendo incentivada constantemente a se manter no topo. A pressão, que é sempre mais do próprio colaborador do que da empresa, ficou absurda nos últimos três anos, quando virou diretora. Embora tudo estivesse bem na empresa, em casa ia de mal a pior: Ana chegava em casa quando os filhos já estavam dormindo, chorava sem motivo, não dormia bem há tempos e sofria com dores de cabeça constantes. Ela mesma achava que era frescura e coisa de gente fraca e sem força de vontade, e mascarava os sintomas para continuar na rotina em que vivia. Foi só aí, no limite, que decidiu começar a terapia e repensar sua relação afetiva com o trabalho. Ana pode até amar o que faz, mas deveria ser capaz de enxergar que sua vida vai além dele.

Mas essa narrativa não é só sobre Ana. Em uma pesquisa feita pela Staples nos EUA e no Canadá em 2016 com mais de 3.000 trabalhadores, 40% disseram terem se sentido esgotados em algum momento, em virtude do volume de trabalho, da pressão de tempo e dos superiores. Analisando



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

uma pesquisa feita pelo publicitário Caio Andrade com mais de 1.300 publicitários em 2017, cerca de 75% dos depoimentos eram disfóricos e tratavam dos abusos, das pressões e dos limites da vida em agência. No Japão, até um termo foi criado para a morte por excesso de trabalho: *karoshi*. E são inúmeros os casos que ouvimos de conhecidos ou vemos acontecer de pessoas que perdem o final de semana, as férias, feriados, noites e madrugadas para terminarem um relatório, entregarem um projeto ou atingirem uma meta.

Mas preocupantemente, mesmo aqueles que tem oportunidade de descansar não o fazem. Apesar de 94% dos trabalhadores entenderem a importância das férias para a oxigenação do trabalho, somente 25% dos 2.000 norte-americanos entrevistados pela Glassdoor em 2016 tiraram todo o tempo que tinham disponível para férias, comportamento majoritário entre os que tem entre 18 e 34 anos. A maioria faz isso por um sentimento sintomático de que nenhum outro colega é capaz de realizar o seu trabalho, acham que ficarão para trás na empresa se saírem de férias e querem mostrar total dedicação ao negócio - e não à vida.

Imaginando o sujeito que conseguiu tirar suas férias, a completa desconexão com o trabalho é praticamente impossível: cerca de 20% dos entrevistados disseram não conseguir se desligar completamente e 45% recebem algum tipo de contato dos funcionários durante seu período fora. Em uma outra pesquisa norte-americana, 53% das pessoas disseram checar as mensagens do trabalho ao menos uma vez durante o final de semana, 54% mesmo quando estão doentes e 52% fora do horário de trabalho. O motivo? Mais da metade acha que está sendo mais produtiva e que esse comportamento mostra flexibilidade e comprometimento à empresa.

Isso não quer dizer, no entanto, que esses indivíduos não percebem os males que esse comportamento gera. Cerca de 36% disseram que o volume de trabalho aumentou e 35% não conseguem parar de pensar nos negócios, média maior entre os mais jovens (18 a 34 anos). Em entrevista com 10 publicitários durante o mestrado, a maioria se mostrava consciente e insatisfeita dos abusos trabalhistas, mas simplesmente não sabia como agir por medo de perder o emprego, de ficar manchado no mercado ou de perder oportunidades profissionais.

Sempre achei essa neurose obsessiva pelo trabalho preocupante. Afinal, passamos nossa infância e adolescência nos preparando para o mercado, enfrentamos a maior parte das nossas vidas dentro dele em uma sufocante rotina 24/7, para só depois podermos disfrutar de algumas décadas de



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

aposentadoria, quando nossa energia, nosso corpo e nossa mente já não são mais os mesmos. Durante essas décadas em que o trabalho representa a maior parte da nossa rotina, somos convocados por sedução ao dever-ter sucesso, reconhecimento e performance superior, e somos provocados ao dever-ser uma pessoa com planos sólidos para o futuro, boa situação financeira e corpo e mente saudáveis. Achamos que em algum lugar do mercado de trabalho está nosso *objeto a*, que nos levará àquele gozo supremo que desejamos, e ignoramos ou fazemos vista grossa à uma série de abusos, limites, fissuras e brechas que a estrutura do trabalho neoliberal deixa vaziar para nos submeter à busca por gozos que nunca serão plenamente satisfeitos.

Lacan diz que os sujeitos devem realizar a travessia de suas fantasias, adotando novas posturas, talvez mais saudáveis, com relação ao gozo, uma vez que tais desejos são alienados por uma linguagem intrusa, que os atravessa logo na infância e faz praticamente desaparecer o *real*. Somos como que impelidos aos desejos de outras pessoas, que fluem para dentro de nós através do discurso, e exatamente por isso que Lacan afirma que o inconsciente é formado pelo discurso do Outro. Não nos sentimos inteiramente “eus”, pois a compreensão que temos de nós mesmos pode ser tão ignorante quanto a que temos de algum desconhecido com quem cruzamos na rua a caminho do ponto de ônibus. Mesmo assim, seguimos psicótica ou neuroticamente nossas vidas, sem de fato questionar a realidade a que estamos submetidos. Simplesmente não há tempo para isso. Precisamos escolher a carreira certa, entregar os relatórios e ser bem-sucedido. Não é à toa que no meio desse sufoco as piadas sejam sempre as mesmas, revelando uma contradição entre uma semana útil que, ao mesmo tempo que é cheia de significado, é vazia: “mais uma segunda-feira”, “que venha logo a sexta”, “finalmente chegou o final de semana”, “odeio domingos”.

É exatamente por essa contradição, entre não sabermos exatamente o que estamos fazendo e continuarmos a fazer mesmo assim, que me interessa. Afinal, o que nos impede de encarar aqueles limites, fissuras e brechas da estrutura do trabalho neoliberal? Por que não fazemos nada a respeito dos abusos que vemos? Por que não simplesmente vamos para casa ao final do expediente, respeitando o tempo contratual de trabalho? Por que não nos desconectamos completamente e damos verdadeiramente vazão a novas vivências, experiências e devires aos finais de semana e após o horário de trabalho? Vivemos em uma sociedade do autocontrole, mas não sabemos nos controlar.



Por isso, a minha postura filosófica sempre foi a da desconstrução de crenças para a afirmação da vida. Mais do que crenças, afirmo a necessidade de desconstrução de afetos. Como sou afetada por diferentes conceitos, morais, valores e hábitos, como as pessoas ao meu redor são afetadas, como essa relação poderia ser diferente e, então, reconstruo essa estrutura afetiva de modo a alcançar uma vida mais leve, contra o caos e a complexidade da contemporaneidade.

Em mais profundidade, partilho da visão nietzschiana de que somos animais de rebanho, no sentido de que majoritariamente aceitamos as narrativas que nos são impostas, sem de fato pensarmos no porquê acreditamos no que acreditamos e falamos o que falamos. Não que seja necessariamente nossa culpa, e na verdade não procuro culpados, afinal já disse que somos socialmente construídos desde o momento em que nossos pais decidem nos ter. Mas é fato que, diante de tantos limites, intolerâncias e abusos, não apenas no trabalho, mas também nas mais diversas violências sexuais, físicas e morais, simplesmente ignorar essa estrutura ou fazer vista grossa a ela não está funcionando. Por isso, busco identificar as principais barreiras que impedem os sujeitos de se descolarem dessas narrativas de vida sintomáticas e opacas.

Em conversas informais com cinco trabalhadores de multinacionais, sendo duas mulheres e três homens maiores de 30 anos, formados em administração ou comunicação, e líderes de área nas empresas onde trabalham, identifiquei dez barreiras, resumidas na tabela abaixo:

<b>Barreiras para a desconstrução de crenças</b>
Vontade
Ego
Propósito
Convívio
Geração
Hábito
Insegurança
Intangibilidade
Status econômico
Convocações midiáticas



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

A primeira delas é a **vontade**. Desconstruir a forma como somos afetados pelo trabalho parece, para essas pessoas, desinteressante, pois preferem usar o tempo livre realizando outras atividades ou pensando em outras coisas. A vontade é a primeira barreira porque, como diz Freud, é a disposição fundamental que um paciente deve ter para a terapia (e podemos dizer o mesmo para a desconstrução). Caso o paciente seja induzido por algum amigo ou familiar sem o seu arbítrio e consentimento, dificilmente evoluirá. O objetivo de transpassar essa barreira da vontade é, como diz Nietzsche, “querer libertar: é essa a verdadeira doutrina da vontade e da liberdade; tal é a que ensina Zaratustra” (Nietzsche, 2012, p.73).

É que para Nietzsche a vida é vontade de potência. De expandir, superar, juntar e se tornar maior. A vontade é como um ímã, que nunca cessa de unir-se à superfície; há sempre uma tensão, um ímpeto que não encontra repouso. Ela é fundamental para abrir novos horizontes, encontrar caminhos e criar novos modos de vida, livrando-se da camisa de força que a sociedade nos convida a colocar.

A segunda barreira, que se relaciona com a vontade, é o **orgulho**. Há pessoas que acreditam que o que pensam é correto e não enxergam a necessidade de repensá-las: “eu penso assim e acho que está certo, para que vou mudar?”. Em geral, são pessoas estáticas, confortáveis com o modo de vida que levam, e poderiam ser comparadas aos animais de rebanho de Nietzsche, pois são conformistas e não tem espontaneidade: são mantenedoras da ordem vigente. O problema do orgulho é, não apenas o conforto, mas o sentimento de superioridade que sentem com relação a outros modos de viver, pois não conseguem enxergar para além da sua própria fantasia.

A terceira barreira é a do **propósito**: acham que o caminho escolhido, os hábitos que possuem e a maneira como pensam lhe trazem felicidade suficiente. Aos que trabalham em excesso, dizem “eu amo o que eu faço, não me vejo fazendo outra coisa, então qual é o sentido de ser diferente?”. Se incluem os *workaholics*, que não conseguem enxergar outras realidades, não pensam na existência de outros modos de viver e são seus próprios senhores de engenho.

O propósito tem grande relação com o modelo de gestão de si imposto pelo neoliberalismo. Se no liberalismo o Estado de certo modo guiava os indivíduos ao que era considerado sucesso, no neoliberalismo esse caminho inexistente e é o próprio trabalhador que deve ser auto empreendedor. Mas ao invés de, nesse descolamento com o Estado, produzir novos devires e caminhos, é capturado pelas convocações afetivas do capitalismo a se manter no jogo.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

A quarta barreira é a do **convívio**, que se une à quinta barreira, da **geração**: a forma como pensam se integra ao grupo ao qual pertencem, e a mudança pode ameaçar a ligação que tem com aquelas pessoas com quem convive. O aspecto em jogo nessas barreiras é a da criação de vínculos afetivos: os sujeitos investem libidinalmente no grupo em que vivem para se sentirem pertencentes a uma comunidade, e romper com ela seria ter de encarar uma possível solidão ou conflitos que o sujeito não está preparado para encarar.

A isso soma-se o **hábito**, de estar confortável com o estilo de vida que tem, com a rotina que vive e com a forma como pensa. A mudança de hábito depende da superação das barreiras acima citadas, pois é um processo que pode ser longo e demorado. É a questão do relacionamento abusivo e do caso de Ana, que sabem que o caminho que estão percorrendo não é o melhor para si, mas seguem nele mesmo assim. Há duas barreiras que se relacionam com o hábito: a **insegurança**, pelo medo do desconhecido, e a **intangibilidade** da desconstrução, que não é mensurável e não parece, para algumas pessoas, trazer resultados tangíveis e de curto prazo no cotidiano.

A compreensão dessas barreiras me parece um estágio fundamental no processo de transvaloração de todos os comportamentos, morais, hábitos e afetos dos sujeitos, e na instituição de uma nova tábua de valores. Afinal, Nietzsche fala sobre a importância desse projeto e sobre a alienação do animal de rebanho. Fala sobre o fato de, por seguir a ordem vigente e não ser capaz de ter pensamentos próprios, impedir a si mesmo de criar novos modos de viver. Mas não nos explica *por que* os sujeitos continuam onde estão e, tampouco, contempla a realidade político-econômica em que estão inseridos.

Por isso, há a barreira da **realidade econômica** do sujeito. Conversando com duas pessoas de classe mais baixa, por exemplo, encontro que elas são mais suscetíveis a uma relação abusiva com o trabalho porque, mesmo por vezes sem receber hora extra, precisam garantir seus empregos para sustentar a casa e a família. “Eu fico até onze horas, meia noite na gráfica. Preciso garantir que meu emprego esteja lá amanhã, sustento minha família sozinho”, diz Tico (nome fictício). Já uma pessoa de classe mais alta, muitas vezes possui as condições de experimentar novos modos de viver com maior facilidade, mas não o faz por conta das barreiras anteriores, que tem um peso maior sobre si do que o primeiro caso.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

De qualquer modo, me parece evidente que não é só a realidade econômica que pesa na decisão do sujeito de desconstruir ou não as crenças do sucesso do seu trabalho. Na conversa com os líderes de área ficou claro que as outras barreiras se interligam e formam um grande emaranhado que borra a vontade de potência do sujeito. Assim como uma terapia psicanalítica é longa porque nem os pacientes conhecem a si mesmos o suficiente para discorrer sobre seus desejos e recalques, o mesmo acontece com a desconstrução dos afetos relacionados ao trabalho. Desconstruí-los demanda um processo de autoconhecimento, de conhecimento sobre o mundo, de respeito às múltiplas óticas do viver e de vontade de experimentar novas narrativas.

Mas apesar da frase curta e simples, a realidade é complexa, pois sobre o sujeito pesa também a última barreira elencada nessa pesquisa: a das **convocações midiáticas**. Acontece que, no processo de sermos introjetados pela linguagem antes mesmo de nascermos, quando já nos investem com um nome, uma cor favorita, uma família e inúmeras outras fantasias de planos e estilos de vida, temos de aprender a conviver com suas regras logo no primeiro choro. Somos convocados, por toda parte, pelos aparelhos midiáticos, que nos impõem os mais diversos verbos modais: *querer, fazer, dever, ter, ser*. Como se não bastasse o conflito interno que temos eternamente dentro de si entre nosso ego, id e superego, precisamos também construir esse “eu ideal” para a sociedade, e somos lembrados a todo instante dessa paranoia.

O ponto, porém, é que toda fase do capitalismo tem o seu espírito, e todo espírito tem um ideal. No neoliberalismo, onde o Estado governa menos para as empresas, mas por causa das empresas (Brown, 2016, p.63), temos como centro o ser da empresa. Um homo oeconomicus ao invés de um homo politicus, que faz com que o ser da troca passe a se tornar o ser da empresa, que “escolhe um objetivo e pretende realiza-lo” (Dardot e Laval, 2016, p.137).

Dizemos que esse sujeito passa a agir menos a partir de necessidades externas, e mais a partir de coerções internas, guiadas por um regime de autodisciplina e autocontrole. Tudo depende de você, é o que pregam os livros de autoajuda, e não do auxílio do Estado. Mas é uma produção nebulosa, porque não temos precisão sobre o que queremos, o que precisamos e o que somos.

Nos dizem a todo momento: seja, faça, tenha, de modo a manter nossos corpos e mentes ocupados para qualquer pensamento libertador que seja. É como as crises econômicas, que muitas vezes são usadas como armas ideológicas para manter um permanente estado de tensão e medo,



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

adotando a crise como uma técnica de governo e não como uma catástrofe real:

É de conhecimento público que, em 2010, o recém-nomeado diretor do Instituto Grego de Estatísticas falsificou continuamente as contas da dívida do país, tornando-as mais graves e dando, assim, justificativas para a intervenção da Troika [...]. Tratava-se ali, de experimentar, em escala real, num país europeu, o projeto neoliberal de reformulação completa de uma sociedade, os efeitos de uma boa política de 'ajustamento estrutural' (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p.24)

Mas a crise, como vimos, não é só externa. Ela se instaura dentro de nós, nos fazendo viver sob o conflito da produção. Um apocalipse sustentável, como diz o Comitê Invisível, em que somos manipulados não apenas pelos discursos, mas por nós mesmos. É preciso entender que “a linguagem, longe de servir para *descrever* o mundo, ajuda-nos sobretudo a *construir* um” (ibid., p.38).

Identificar as barreiras pelas quais não desconstruímos nossas crenças é o primeiro passo para o lado contrário: para empoderar os indivíduos a rejeitar a própria condição de animal de rebanho e para iniciar um processo de construção do corpo sem órgãos, “um grito orgânico do homem contra toda transcendência opressora” (Schopke, 2017, p.261). Como diz Nietzsche, “temos que aprender a pensar de outra forma - para enfim, talvez bem mais tarde, alcançar ainda mais: sentir de outra forma” (Nietzsche, 2016, p.70).

É claro que não se trata aqui de uma libertinagem ou de uma perversão da existência, como diriam as visões mais conservadoras. É que “tudo o que é *longo*, é difícil de ver, ver inteiro” (*Ibidem*, 2009, p.14). Como afirmam Deleuze e Guatarri, não é preciso ser um drogado, louco ou pervertido para fazer movimentos de desterritorialização e experimentar novas potências e intensidades. Basta entender que essa é uma guerra que se trava primeiro contra nós mesmos, uma vez que Espinosa (2009) diz que a consciência é ignorante sobre sua potência. Complementa Nietzsche:

Há grandes vantagens em alguma vez alienar-se muito de seu tempo e ser como que arrastado de suas margens, de volta para o oceano das antigas concepções do mundo. Olhando para a costa a partir de lá, abarcamos pela primeira vez sua configuração total, e ao nos reaproximarmos dela teremos a vantagem de, no seu conjunto, entendê-la melhor do que aqueles que nunca a deixaram (Nietzsche, 2005, p.216).

É preciso então, desfazer o organismo e “abrir o corpo a conexões que supõem todo um agenciamento, circuitos, conjunções, superposições e limiars, passagens e distribuições de intensidade, territórios e desterritorializações medidas à maneira de um agrimensor” (Deleuze, 1996, p.21). Não como um guia



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

de “10 passos para construir um corpo sem órgãos” ou “5 segredos da nomadologia que prometem revolucionar a sua vida”, mas antes um suporte, um apoio, uma lente que ajude a enxergar melhor em meio à opacidade da vida contemporânea.

Afinal, como diz Deleuze (*Ibidem*, p.75), operacionalmente tudo é muito claro; emocionalmente, no dia a dia, muito ilegível. Por isso, é fundamental entendermos que, ao final do dia, como diz Jacques Mesrine, não há outro mundo: há simplesmente uma outra maneira de viver. E é ela que precisamos procurar para efetuar novas formas de ser, de se expressar, de sentir a vida, afetar e ser afetado.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

## Bibliografia

BROWN, Wendy. **Undoing the Demos: Neoliberalism's Stealth Revolution**. New York: Zone Books, 2016

COMITE INVISÍVEL. **Aos nossos amigos: Crise e Insurreição**. São Paulo: Editora N-1, 2016.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo Editora, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs – Volume 3**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996

ESPINOSA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias à psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GLASSDOOR. **Q1 2014 Employment Confidence Survey**. 2014. Disponível em <https://www.glassdoor.com/press/app/.../ecsq114supplement.pdf>. Acesso em 20/03/2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

\_\_\_\_\_. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Vozes de Bolso, 2011

\_\_\_\_\_. **Genealogia da moral**. São Paulo Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

PROJECT TIME OFF. **Groundhog every day: America's repeating vacation problem**. 2016. Disponível em <https://www.projecttimeoff.com/research/groundhog-day>. Acesso em 20/03/2018.

SCHOPKE, Regina. **Corpo sem órgãos e a produção de singularidades**. IN: Revista Aurora, v.29, n.46. 2017

STAPLES. **Workplace index 2016**. 2016. Disponível em <https://www.staples.com/sbd/cre/marketing/workplace-survey/>. Acesso em 20/03/2018.